

## São Rafael: águas passadas que movem moinhos<sup>1</sup>

Andre Araujo RODRIGUES<sup>2</sup>

Aureliana Alves de OLIVEIRA<sup>3</sup>

Maria da Conceição Guilherme DANTAS<sup>4</sup>

Jucieude Evangelista de LUCENA<sup>5</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

### RESUMO

Esta produção foi realizada como Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O documentário foi gravado no município potiguar de São Rafael, localizado na microrregião do Vale do Açu. No início da década de 1980, a cidade foi totalmente coberta pelas águas, após a construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves. O documentário “São Rafael: águas passadas que movem moinhos” propõe um argumento que aborda os impactos simbólicos e subjetivos sofridos pelos sãorafaelenses com a implantação da barragem. A construção da narrativa se baseia na oralidade, assim, diante da câmera, cada entrevistado transforma a experiência e as lembranças em narrativa, onde revela sua visão particular sobre os fatos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Documentário; Vídeo; Memória; São Rafael.

### 1 INTRODUÇÃO

A história da cidade potiguar de São Rafael, localizada na microrregião do Vale do Açu, Rio Grande do Norte, assim como a vida dos sãorafaelenses, mudou sensivelmente com a implantação da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Para os moradores da antiga cidade as primeiras notícias de que seria construída uma barragem na região não passavam de boatos. O Projeto Baixo-Açu era desconhecido e desacreditado pela maioria das pessoas, porém, já se articulava nos centros políticos. Dentro desse contexto, “a política das águas”, promovida ao longo dos governos militares, com a construção de obras faraônicas, transformou o que era apenas especulação em pesadelo para grande parte dos ribeirinhos que tiveram de passar por um processo doloroso de mudança em suas vidas.

São Rafael, portanto, tem uma história que pede para ser contada, não apenas aos netos e aos bisnetos daqueles que viram sua cidade, suas casas, suas vidas irem por água abaixo em nome do progresso. Uma história que deve ser contada por aqueles que viveram

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de Não Ficção.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e recém-formado do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV, email: andrearaujortv@hotmail.com

<sup>3</sup> Recém-formada do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV, email: annabrazil2@hotmail.com

<sup>4</sup> Recém-formada do Curso de Comunicação Social – Rádio e TV, email: ceicaguilherme@hotmail.com

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email: jucieudelucena@hotmail.com

a experiência. Uma história que suscita discussões sobre a violação dos direitos humanos dos ribeirinhos, durante o todo processo de mudança e de adaptação à nova vida e à nova cidade a qual foram submetidos os atingidos pela barragem.

Dessa maneira, partimos do pressuposto de que o documentário é uma representação do mundo histórico, como afirma Nichols (2009), não uma reprodução da realidade, pois esta não se apreende com máquinas, tampouco é apenas aquilo que aparece na frente da câmera, principalmente, porque atrás dela, posicionam-se olhos humanos que também apresentam uma visão particular sobre os fatos. Além disso, quando o que está sob o foco da câmera são pessoas, o que na verdade vemos, são narradores que se constroem e são construídos como personagens de suas próprias histórias.

No mais, este relatório se abastece de conceitos teóricos sobre narrativa, história oral, memória e documentário, que asseguram a consistência da proposta experimental, assim como, orientam e justificam a construção do argumento, da estrutura narrativa e das decisões de filmagem. As etapas de produção foram, portanto, descritas revelando todo o trabalho autoral de criação e de realização, de modo a destacar a importância do planejamento na pesquisa, no roteiro, na gravação e na montagem.

## **2. OBJETIVO**

Por meio de um vídeo-documentário buscamos mostrar como os sãorafaelenses, trinta anos depois da implantação da barragem, convivem com as lembranças da antiga cidade, como eles rememoram e reconstróem de forma subjetiva a experiência vivida. Desse modo, buscamos enfatizar as dimensões simbólicas e afetivas que envolvem a implantação da barragem, valorizando a experiência compartilhada dos personagens e as narrativas geradas a partir dessa experiência.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A seca, que sempre trouxe grandes prejuízos materiais ao nordeste brasileiro, foi combatida oficialmente no Rio Grande do Norte, pelo progresso através do Decreto nº 76.046, de 13 de julho de 1975, no governo do presidente Ernesto Geisel, que previa para os anos seguintes a construção de uma barragem com capacidade de 2,4 bilhões de metros cúbicos de água, o maior reservatório já construído pelo DNOCS, que atingiria diretamente as áreas de vários municípios do semiárido potiguar como: Açu, Jucurutu, Santana dos Matos, Ipanguaçu e São Rafael, compreendendo uma área com cerca de 443 km<sup>2</sup>.

A escolha da cidade de São Rafael como objeto de estudo de nossa pesquisa se deve ao fato dela ter sido a cidade mais diretamente afetada pela construção da barragem Armando Ribeiro Gonçalves. Totalmente desapropriada, a cidade foi extinta do mapa pelas águas e pelas promessas de um “progresso que altera a natureza” como diz a poetisa Altanir de Sousa<sup>6</sup>. Pois, além dos impactos sociais, econômicos e ambientais, dentro de cada sãorafaelense, as perdas simbólicas e afetivas ganham espaço e morada eterna, que não se converte somente em lembranças, mas que se faz presente nas conversas de fim de tarde, nas fotos e nos quadros da torre da igreja submersa, pendurados na parede, nos poemas e nos livros escritos por eles mesmos para preservar a saudade e burlar o esquecimento. São Rafael antigo sobrevive também no mundo virtual, em um *Orkut* criado pelo jovem Richardson Rodrigo Cortez que compilou mais de três mil fotos que foram inseridas em álbuns temáticos, que representam desde o dia a dia na velha cidade até os dias de hoje.

Dentro desse contexto, percebemos a importância de dar visibilidade através da linguagem audiovisual às histórias vividas e reconstruídas subjetivamente por pessoas comuns, que mesmo distante de qualquer prática heróica, enfrentaram de fato uma série de obstáculos e conflitos, principalmente no que se refere à forma de pensar, de sentir e de viver. Além do mais, o documentário transforma sujeitos sociais em personagens que desejam contar o que viram e viveram. Ao promover a imbricação dos tempos, eles reforçam a formação de uma memória coletiva.

O projeto Baixo-Açu era gigantesco, ousado e ambicioso, só não era maior que as noites insones e os dias incertos que estavam por vir. As notícias veiculadas pelos jornais sobre o projeto não chegavam aos ribeirinhos de forma clara, mexendo com a vida e o sossego das famílias que até então não sabiam para onde seriam levadas e como viveriam em outro lugar, se a única coisa que eles sabiam fazer era trabalhar na agricultura. Quem tinha suas casas, suas terras, seu comércio, sofria a angústia de ter que deixar tudo e partir para o desconhecido, nem mesmo se sabia onde seria construída a nova São Rafael.

Alguns políticos, sindicalistas e membros da igreja católica se mostraram contrários à construção da barragem, apesar das promessas de melhoria das condições de vida da população ribeirinha, com a chegada do progresso alardeado pelas propagandas governamentais e pela imprensa local. Zélia Bernardo, professora aposentada, lembra que durante as reuniões promovidas pelo DNOCS, que tinham por objetivo convencer a

---

<sup>6</sup> Altanir de Sousa é agricultora e poetisa. Foi entrevistada durante o processo de pesquisa e é uma das personagens do documentário.

população, representantes políticos diziam que o Vale do Assu ficaria como se “as águas da barragem fossem leite e as barreiras fossem pão”.

A história já foi contada em livros pelos próprios sãorafaelenses, registrada em pesquisas acadêmicas, como teses e dissertações, expressas em manifestações artístico-culturais, e agora é contada através do vídeo, propondo uma série de reflexões sobre as transformações vividas pelos moradores de São Rafael.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O documentário não pretende flagrar o real, todavia registrar o trabalho de memória realizado pelos personagens na reconstrução do passado que inevitavelmente se atualiza e se reinventa em forma de histórias que revelam subjetivamente a experiência humana.

Nichols (2009) sugere seis modos de representação que funcionam como subgêneros do gênero documentário e foram traçados como modelos ou protótipos, conformados a partir do reconhecimento da lógica de organização e de informação, dos recursos narrativos e de outras características recorrentes e dominantes em determinados filmes de um mesmo período. São eles, o modo poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático.

Dentre eles, o modo performático, é o que dialoga com a nossa proposta, quando “sublinha a complexidade do conhecimento de mundo ao enfatizar suas dimensões subjetivas e afetivas” (NICHOLS, 2009, p. 169), afastando-se do relato objetivo. Desse modo, os sujeitos da experiência se constroem como personagens e reconstroem em forma de narrativa a experiência, endossando a ênfase expressiva da estética documental, pois, “pelo mundo representado nos documentários performáticos, espalham-se tons evocativos e nuances expressivas, que constantemente nos lembram que o mundo é mais do que a soma das evidências visíveis que deduzimos dele” (NICHOLS, 2005, p. 173). Para tanto, buscamos também referências no trabalho de criação de Eduardo Coutinho. Segundo Xavier (2003),

no centro de seu método, está a fala de alguém sobre sua própria experiência, alguém escolhido porque se espera que não se prenda ao óbvio, aos clichês relativos à sua condição social. O que se quer é a expressão original, uma maneira de fazer-se personagem, narrar, quando é dada ao sujeito a oportunidade de uma ação afirmativa. Tudo o que da personagem se revela vem de sua ação diante da câmera, da conversa com o cineasta e do confronto com o olhar e a escuta do aparato cinematográfico (XAVIER, 2003, p. 52).

A narrativa do documentário se baseia na oralidade, portanto, a entrevista em profundidade, sob a luz dos pressupostos metodológicos da história oral descritos por Thompson (1992) e aplicados por Ecléa Bosi (1994), é a estratégia de abordagem central para se construir o documentário, pois a questão não era dar voz aos sãorafaelenses, mas sim, levá-los a falar sobre si e sobre tudo aquilo que viveram, sobre aquilo que eles achavam que deveria ser lembrado e verbalizado. As histórias são contadas por quem viveu o processo desde os boatos da implantação até o dia da partida, onde tiveram de se adaptar a uma nova cidade e uma nova vida. Dessa forma, buscamos fazer com que os entrevistados se fizessem personagens, e por meio de seus depoimentos evidenciassem como os fatos ocorridos durante a construção da Barragem Armando Ribeiro Gonçalves repercutem ainda hoje na vida de cada um.

Nessa perspectiva, buscamos visualizar os sãorafaelenses que viveram a construção da barragem não somente como fonte de informação para a nossa pesquisa, mas principalmente, como sujeitos sociais e narradores, capazes de revelar além da história, a memória coletiva que povoa o imaginário sobre a cidade velha. Khoury (2004) compreende tais narrativas como práticas sociais. Dessa forma,

ao narrar, as pessoas estão sempre fazendo referências ao passado e projetando imagens, numa relação imbricada com a consciência de si mesmos ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social. Associando e organizando os fatos no espaço e no tempo, dentro dos padrões de sua própria cultura e historicidade, cada pessoa vai dando sentido à experiência e a si mesmo nela. (KHOURY, 2004, p. 131).

Por meio da história oral é possível muito mais que resgatar lembranças faladas, buscar documentos de “verdades” que comprovem determinada tese. A oralidade permite que o sujeito fale além das palavras e dos argumentos, sendo possível absorver, sobretudo expressões que falam por si só, que se escondem entre os silêncios e as reticências. Como pesquisadores, levamos em consideração o fato de que a memória é algo que se constrói, é seletiva, e que as lembranças, às vezes, variam de acordo com a importância que cada sujeito atribui ao momento vivido.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

### **5.1. PRÉ-PRODUÇÃO**

A etapa de pré-produção foi iniciada ainda no primeiro semestre de 2012, com a pesquisa bibliográfica e um levantamento do material de arquivo: fotos, vídeos, arquivos de

som sobre a barragem e a antiga cidade que poderiam ser utilizados enquanto suportes de memória, auxiliando ou ilustrando o processo de evocação do passado dos entrevistados.

Como ainda não conhecíamos a cidade, apenas a história, fomos estabelecendo contato através da internet com pessoas que já realizaram algum trabalho de preservação da história local e que pudessem intermediar o primeiro encontro que teríamos com os sujeitos que viveram a construção da barragem, de modo a colher informações e estabelecer um vínculo com os possíveis entrevistados.

Durante as viagens, dedicamo-nos a ouvir as histórias e observar o processo de reinvenção do passado pelos entrevistados. Decidimos gravar o processo com uma filmadora digital, que nos possibilitou perceber o comportamento de cada um diante da câmera e sua articulação verbal, facilitando o processo de escolha dos personagens que participariam do documentário.

Feita a análise e escolha dos personagens a partir do material gravado durante a pesquisa, elaboramos os roteiros de entrevistas e definimos o cronograma de gravação. Paralelo a isso, fizemos uma lista de todos os equipamentos e subsídios necessários para o trabalho de gravação (câmera, microfone, iluminação, entre outros). Assim como tratamos de observar as condições e situações de filmagem

A elaboração do roteiro representou a importância de estruturar a proposta do documentário para que pudéssemos visualizá-la e verificar sua funcionalidade, pois produzir não é ligar uma câmera e captar sons e imagens, mas sim, planejar sua captação e administrá-los de acordo com o argumento que se pretende estabelecer, construindo, inclusive, um padrão estilístico e uma linha narrativa. Isto implicou na necessidade de fazer escolhas que orientassem as nossas decisões de filmagem e de montagem.

A captação de recursos fez parte do exercício profissional da produção audiovisual. Nosso projeto foi uma produção de baixo orçamento realizada com recursos próprios e apoio da universidade. Portanto, para divulgar o projeto e captar recursos para custear os gastos de produção, criamos um *site* e uma *fan page*<sup>7</sup> na rede social *Facebook*, espaços virtuais onde compartilhamos notícias referentes ao andamento da produção, fotos da cidade e das entrevistas, assim como, interagimos com aqueles que se interessam pelo documentário e que estão dispostos a colaborar conosco. As doações foram feitas através do

---

<sup>7</sup> *Fan Page* ou página de fãs é uma interface específica para divulgar empresas, marcas, produtos, bandas, dentre outros, na rede social facebook entre usuários interessados, portanto, é uma estratégia de marketing digital que tem se mostrado muito eficiente, enquanto recurso de interação e comunicação entre empresas e consumidores.

sistema de pagamento online *paypal* com cartões de crédito, débito ou boleto bancário. Não havia valor mínimo, no entanto, oferecíamos DVDs do documentário como recompensa para doações acima de 40 reais. No total, arrecadamos cerca de 500 reais que foram utilizados para pagar a hospedagem, alimentação e transporte de toda a equipe envolvida na gravação do documentário.

Foram entrevistadas aproximadamente vinte pessoas, dentre estas, selecionamos sete para participarem do documentário: Altanir de Moura, Antônio Diduca, Ana Irene, Manuel, Noé e Silva. O critério de seleção dos personagens se fundamentou na busca por bons contadores de histórias capazes de, através da oralidade, lembrar e reconstruir a experiência vivida depois de trinta anos da implantação do projeto Baixo-Assu. Além disso, buscamos também boas histórias, que representassem os impactos subjetivos que nos dedicamos a pesquisar.

## 5.2. PRODUÇÃO

Na etapa de produção do documentário, firmamos uma parceria com o Grupo de produtores independente, *Caminhos: comunicação e cultura*, que desenvolve projetos audiovisuais no Rio Grande do Norte e promove atividades que visam democratizar o acesso a cultura e aos meios de produção audiovisual. A equipe é formada em sua maioria por profissionais da área de comunicação social, jornalistas e radialistas.

A maioria das entrevistas foi gravada na casa dos personagens em ambientes informais, onde eles e amigos costumam se reunir para conversar sobre a vida e também contam suas lembranças da velha cidade. A poetisa Altanir de Sousa, por sua vez, recitou o seu poema na praça da igreja matriz, o espaço público faz referência ao caráter expressivo e representativo de sua participação no documentário, pois a arte, neste caso popular, estabelece uma relação particular sobre uma experiência comum. Os pescadores Silva e Manuel foram entrevistados dentro de um barco, na verdade, o ambiente de trabalho dos dois. Portanto, o dispositivo narrativo proposto pelo passeio nas águas da barragem apresenta o processo de evocação do passado daqueles que viveram na antiga cidade e sobrevivem hoje da pesca na região onde São Rafael está submersa,

Assim como, Silva e Manuel, Ana Irene e Seu Noé, recuperam o passado juntos, as duas situações de filmagem se fundamentam a partir do conceito de “Memória Coletiva” proposto por Halbwachs (2006, p.29), “se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa

recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não pela mesma pessoa, mas por muitas”. Desse modo, quando eles evocam juntos, inclusive situações diferentes, embora relacionadas a um mesmo evento, os fatos passados assumem uma maior importância e a sua reconstrução faz com que eles revivam as lembranças com maior intensidade.

Além dos depoimentos, gravamos imagens da nova cidade e o reencontro do personagem Antônio Diduca que há mais de dez anos não ia à região da barragem. Tal evento detém uma simbologia, o encontro entre o passado e o presente, onde o silêncio é suficiente para descrevê-lo. Além disso, revela a participação da equipe de produção no processo de rememoração dos entrevistados, que por meio de dispositivos narrativos estimulam o personagem a se debruçar sobre suas lembranças.

#### 4.3 PÓS-PRODUÇÃO

Para facilitar o processo de edição, diante de todo o material bruto, realizamos a transcrição de cada entrevista e analisamos todos os sons e imagens captados. Fizemos, em seguida, uma seleção prévia dos trechos mais importantes para a narrativa, que foram divididos por tópicos. A partir disso, começamos a compor a estrutura do filme, intercalando os depoimentos e reorganizando as sequências.

A linha narrativa se estrutura por meio da oralidade, por isso, optamos por não fazer uso de um narrador. Dessa forma, os trechos em *off*, são dos próprios personagens, que como proposto, assumem a função de narradores de suas próprias histórias e que as validam através da experiência. A história também não segue necessariamente uma ordem cronológica, pois o processo de evocação é livre e determinado pela importância que o sujeito atribui ao evento circunstancialmente vivido, ainda mais porque o depoimento não precisa se consolidar como verdade, mas sim, como narrativa.

A utilização de fotos no documentário apenas ilustra silenciosamente o que os personagens viveram e contam com outros tons e cores, o recurso aproxima o espectador do mundo representado pelos personagens. Nesse sentido, inserimos também trechos de vídeos antigos produzidos durante o processo de construção da barragem pela TV Universitária da UFRN e outros produzidos pela TV Memória Popular. Também usamos uma gravação Altanir de Moura, declamando o poema que ela na época havia feito a pedido do Serviço de Assistência Rural – SAR, órgão da Arquidiocese de Natal.

## 6. CONSIDERAÇÕES



O documentário “São Rafael: águas passadas que movem moinhos” apresenta uma história que foi elaborada em conjunto, por quem pesquisa e é pesquisado, onde o envolvimento com o objeto de estudo foi essencial para obter o resultado que alcançamos. Ao fazermos o uso metodológico do “ouvir”, estimulamos o trabalho de memória. É justamente dessa relação que se estabelece entre o presente e o passado que nasce o personagem e também narrador que buscamos durante todo o processo de pré-produção.

Assim, o outro é representado pela narrativa fílmica, enquanto ele mesmo representa a sua história de vida. O outro é o personagem que se apresenta não como testemunha de um evento, ele substitui os números de atingidos pela barragem, a descrição datada, supostamente verdadeira e promove, sobretudo, sua experiência e sua visão particular dos fatos, consciente que dessa vez não está contando suas histórias apenas para os netos, mas sim, para um público que ao decidir ser espectador do documentário, está sujeito a submergir na experiência humana expressa pela narrativa.

Desse modo, buscamos pensar em um produto onde as pessoas se sintam interessadas em assistir do começo ao fim, que seja fonte de informação, entretenimento e que sugira possibilidades de discussão. O documentário tece entre as lembranças e o esquecimento dos personagens reflexões acerca da violação dos direitos humanos, da construção do saber histórico por meio de sujeitos que viveram a experiência e da importância de se preservar a memória para fortalecer a identidade cultural de uma comunidade.

Nesse trabalho, tivemos que nos posicionar como pesquisadores, produtores e documentaristas, o que contribuiu bastante para nossa formação profissional, pois a compreensão de todo o processo de execução do projeto experimental, nos possibilitou, amparados pelos estudos acadêmicos, identificar e solucionar, apesar das nossas limitações, as dificuldades, comuns a todo trabalho dessa natureza. A experiência de entrar em contato com o mundo do outro, exigiu de nós responsabilidade e foco, durante as entrevistas. Exercitamos nossa capacidade de ouvir e de estabelecer um olhar crítico no sentido de propor critérios de escolha que assegurassem a realização da nossa proposta, pois a situação de pesquisa em campo inevitavelmente provocava no entrevistado uma vontade de contribuir e principalmente, participar do projeto.

“Pelo menos as pessoas que se criaram no vale do Assu, morre lamentando essa situação não se esquece nunca, o quanto sofreram e perderam na vida” como anuncia Antônio Diduca. Embora hoje a nova cidade construída pelo DNOCS seja arborizada,

saneada, tenha ruas largas, belas praças, mas que não são suficientes para serenar a saudade da velha São Rafael, pacata, agrária, onde a vida era difícil, mas era boa de viver. O verso “mas no fundo daquelas águas ainda existe o nosso amor” que encerra o poema de Altanir de Moura contradiz a ideia de tempo que cicatriza as feridas, pois apesar da barragem, da memória que às vezes falha, a antiga cidade se tornou para os sãorafaelenses exilados em uma Nova São Rafael, “a terra onde canta o sabiá”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Dea Ribeiro et al. **Muitas Memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'água, 2004, p. 116-138.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

XAVIER, Ismail. Indagações em torno de Eduardo Coutinho e seu diálogo com a tradição moderna. In: **Objetivo subjetivo – Cinemais especial: documentário**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003, p. 221-235.